

# PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 3



TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS  
(ORGANIZADOR)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 3



TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS  
(ORGANIZADOR)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecário**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Emely Guarez  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Tallys Newton Fernandes de Matos.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

P974 Psicologia: compreensão teórica e intervenção prática 3 /  
Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. –  
Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-463-4  
DOI 10.22533/at.ed.634200710

1. Psicologia. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de  
(Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A família é responsável pela sobrevivência física e psíquica das crianças, ocupando o papel mais importante na vida de uma pessoa. Dela constitui-se o primeiro grupo de mediação do indivíduo com a sociedade, proporcionando os primeiros aprendizados, hábitos, costumes e educação. Antes de nascer a criança já ocupa um lugar na família e no seu meio social, são introduzidos desejos e expectativas pela sua espera que poderão fomentar hábitos futuros. É com os pais que as crianças encontram padrões de comportamento para a vida adulta, sejam estas características positivas ou negativas. Ou seja, os pais são os primeiros modelos do ser homem ou ser mulher, através de padrões de conduta, hábitos, valores, cultura e outros.

A primeira educação é muito importante na formação da pessoa, sendo esse o período em que estrutura a personalidade do sujeito. Podemos destacar diferentes autores que salientam tal pensamento, como Freud, Piaget, Vygotsky e Wallon, dentre outros. Neste sentido, existem experiências que podem marcar a vida da criança, podendo acarretar consequências na vida adulta.

Tais consequências, sejam positivas ou negativas, impactam diretamente no desenvolvimento do ser humano, possibilitando saúde, doença ou sofrimento. Quando tratamos de saúde, considera-se seu aspecto positivo para o desenvolvimento do ser humano. Porém, ao tratar de sofrimento e doença temos uma demanda que pode prejudicar o desenvolvimento do ser humano. Para tanto, são necessários modelos interventivos que venham a possibilitar a reconfiguração deste cenário.

Um destes modelos é a educação, com diversos segmentos e áreas de atuação, como medida interventiva que envolve diferentes profissionais. Nisto, a educação torna-se uma prática social humanizadora e intencional, cuja finalidade é transmitir conhecimento e cultura construída historicamente pela humanidade. Ou seja, o homem não nasce humanizado, mas torna-se humano por seu pertencimento ao mundo histórico-social e a educação é o instrumento que possibilita a resolução destas necessidades sociais frente as demandas de ensino e aprendizagem.

É importante destacar que o contexto da educação envolve “condições, organizações e relações” que estão em dinâmica e mudança constante. Um exemplo disso no contexto estudantil são as dificuldades de aprendizagem, transtornos de conduta, transtornos emocionais, fracasso escolar e altas habilidades. Já no contexto docente temos variáveis como: condições de trabalho; estresse; exaustão; ansiedade; *burnout* e o mal-estar. Frente a esta situação, tornam-se importantes as medidas avaliativas que possibilitem modelos de atuação como estratégias de intervenção de demandas neste cenário.

De acordo com o discurso anterior, a obra “*Psicologia: Compreensão Teórica e Intervenção Prática 3*” explora estudos direcionados à “família, infância, educação, avaliação, diagnóstico e intervenção, atuação profissional e mal-estar”.

Os tipos de estudos explorados nesta obra foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, revisão sistemática, estudo descritivo, revisão integrativa, estudo de caso, grupo focal, estudo reflexivo, pesquisa experimental, pesquisa exploratória e pesquisa histórico-cultural. É importante ressaltar nesta obra a riqueza e a pluralidade dos estudos desenvolvidos em diferentes instituições de ensino superior no contexto nacional.

Por fim, sabemos a importância da construção e reconstrução do conhecimento através da produção científica em benefício do desenvolvimento social. Portanto, saliento que a Atena Editora oferece uma plataforma consolidada e confiável, sendo referência nacional e internacional, para que estes pesquisadores explorem e divulguem suas pesquisas.

Tallys Newton Fernandes de Matos

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DA ANOREXIA NERVOSA**

Ana Karoline de Souza Pereira

Paula Lins Khoury

**DOI 10.22533/at.ed.6342007101**

### **CAPÍTULO 2..... 13**

#### **PSICOLOGIA, PSICANÁLISE E DIREITO: CONSIDERAÇÕES SOBRE ALIENAÇÃO PARENTAL**

Antonio Elieser Sousa Alencar

Caroline Godinho dos Anjos

Igor Boito Teixeira

Letícia Amanda Zank

Luísa de Oliveira Ferreira

**DOI 10.22533/at.ed.6342007102**

### **CAPÍTULO 3..... 23**

#### **REPRESENTAÇÕES SOBRE INFÂNCIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO XX, NO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES**

Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira

Ana Carolina Freitas Ribeiro

**DOI 10.22533/at.ed.6342007103**

### **CAPÍTULO 4..... 35**

#### **EXPERIÊNCIAS ADVERSAS NA INFÂNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS**

Perpétua Thaís de Lima Feitosa Quental

Álvaro Jorge Madeiro Leite

Antonia Kaliny Oliveira de Araújo

**DOI 10.22533/at.ed.6342007104**

### **CAPÍTULO 5..... 46**

#### **SINTOMAS DE ESTRESSE E PRESENÇA DE PROBLEMAS EMOCIONAIS E COMPORTAMENTAIS EM CRIANÇAS COM QUEIXAS DE DESATENÇÃO E HIPERATIVIDADE**

Paula Racca Segamarchi

Claudete Veiga de Lima

Lara Caldas Medeiros de Sá Zandoná d Almeida

Lilian Meibach Brandoles de Matos

Marina Monzani da Rocha

**DOI 10.22533/at.ed.6342007105**

### **CAPÍTULO 6..... 62**

#### **A PSICOMOTRICIDADE DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

Isabella Ester Felix

Daiane Letícia Boiago

Juliana Orsini da Silva

**CAPÍTULO 7..... 74**

**CRIANÇAS CARDIOPATAS EM PERÍODO PANDÊMICO DO COVID-19/ SARS-COV-2 (NOVO CORONAVÍRUS) NO QUE TANGE O ASPECTO PSICOLÓGICO: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Maria Caroline Galiza de Moraes  
Bianca Gonçalves Wanderley  
Laila Queiroga Lucena  
Luana Mesquita Montenegro  
Marcus Winicius Mendes Formiga  
Maria Izadora Soares Oliveira de Carvalho  
Nathalie Félix Soares Arruda  
Wellington Onias Alves Filho  
Alisson Cleiton Cunha Monteiro

**DOI 10.22533/at.ed.6342007107**

**CAPÍTULO 8..... 84**

**TENDÊNCIAS DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE OS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTOJUVENIL NO BRASIL: ESTADO DA ARTE**

Claudete Veiga de Lima  
Cristiane Silvestre de Paula  
Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira  
Leni Porto Costa Siqueira

**DOI 10.22533/at.ed.6342007108**

**CAPÍTULO 9..... 105**

**PROCESSOS PSICOLÓGICOS BÁSICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ABORDAGEM NA IMAGINAÇÃO E LINGUAGEM**

Amanda Moreira da Veiga  
Quellen Potter Regason  
Suélen Rocha Centena Pizarro  
Luíze Fagundes Ávila Rodrigues  
Rosane Paz Souza  
Lenise Álvares Collares Nogueira  
Andréia Quadros Rosa  
Adriane Griebeler  
Lisandra Silva Lucas

**DOI 10.22533/at.ed.6342007109**

**CAPÍTULO 10..... 118**

**EM ALGUM LUGAR ALÉM DO ARCO ÍRIS: A FANTASIA DE DOROTHY EM “O MÁGICO DE OZ” COMO DISPOSITIVO DE SUPERAÇÃO DOS LUTOS INFANTIS**

Helen de Paula Almeida Abreu  
Kadu Freitas Tavares Cordeiro  
Arina Marques Lebrege  
Ruth Helena Cristo Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.63420071010**

**CAPÍTULO 11..... 129**

UMA EXPERIÊNCIA DE PSICOLOGIA ESCOLAR COM JOVENS E ADULTOS A PARTIR DA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Luiz Felipe Viana Cardoso

Dener Luiz da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.63420071011**

**CAPÍTULO 12..... 142**

REFLEXÕES SOBRE O ERRO CONSTRUTIVISTA NA TRANSIÇÃO DA ARITMÉTICA À ÁLGEBRA

Diniz Antonio de Sena Bastos

Lucas Sousa Santos

Lilian de Nazaré Menezes Fortes

Elias Lopes da Silva Junior

Luzia Beatriz Rodrigues Bastos

**DOI 10.22533/at.ed.63420071012**

**CAPÍTULO 13..... 155**

APLICAÇÃO DAS PROVAS PIAGETIANAS PARA AVALIAÇÃO DO PROCESSO COGNITIVO DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR

Juliana Maria Barbosa

Adriano de Souza Alves

**DOI 10.22533/at.ed.63420071013**

**CAPÍTULO 14..... 165**

A MEDIAÇÃO COMO RECURSO NÃO MEDICALIZANTE NA SUPERAÇÃO DE IMPASSES EDUCACIONAIS: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM EXISTENCIALISTA

Marcelo Peres Geremias

Sandra Regina de Barros de Souza

Leonardo José Paiva dos Santos

Williams Ferreira Portela

Pablo Michel Barcelos Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.63420071014**

**CAPÍTULO 15..... 173**

SEMILIBERDADE E INCLUSÃO: UM DESAFIO SOCIAL

Fernanda Martins Teotonio

Ana Beatriz dos Anjos Silva

Eduardo Marck Cleverton Santos

Fabiano Santos Lima

Kathllen Kendra Rocha Silva

Willionara Dias de Souza.

Jamile Santana Teles Lima

Jarbene de Oliveira Silva Valença

**DOI 10.22533/at.ed.63420071015**

<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>181</b>
SÍNDROME DE BURNOUT E ATIVIDADE FÍSICA EM PROFESSORES DA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL EMBLEMÁTICA “GONZÁLEZ VIGIL” HUANTA EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19	
Oscar Gutiérrez Huamani	
Delia Anaya Anaya	
Jessica Rodrigues Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63420071016</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>194</b>
ESTADOS DE ANSIEDADE EM AMBIENTE DE SIMULAÇÃO: UM ESTUDO COM PSICÓLOGAS EM FORMAÇÃO	
Carini Rebouças Chaves Sampaio	
Cíntia Reis Pinto Neves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63420071017</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>207</b>
ORTOREXIA NERVOSA: FATORES QUE INFLUENCIAM O SURGIMENTO DO TRANSTORNO EM ADULTOS	
Amanda Frazon Costa	
David Marconi Polonio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63420071018</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>223</b>
NÃO-PERTENÇA: UMA DEFINIÇÃO PSICOSSOCIAL	
Gabriela Cristina Borborema Bozzo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63420071019</b>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>234</b>
DESAFIOS DA GRADUAÇÃO: ATENÇÃO AOS CUIDADOS À SAÚDE FÍSICA E MENTAL DO ALUNO UNIVERSITÁRIO	
Jenaina de Fatima dos Santos	
Priscila Abreu de Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63420071020</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>252</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>253</b>

# CAPÍTULO 18

## ORTOREXIA NERVOSA: FATORES QUE INFLUENCIAM O SURGIMENTO DO TRANSTORNO EM ADULTOS

*Data de aceite: 01/10/2020*

**Amanda Frazon Costa**

Psicologia - UniFSP - Avaré/SP

**David Marconi Polonio**

UniFSP - Avaré/SP.

**RESUMO:** Descrita como um comportamento obsessivo patológico, a ortorexia nervosa caracteriza-se pela fixação por saúde alimentar, qualidade dos alimentos e pureza da dieta. O quadro foi recentemente reconhecido como um Transtorno Alimentar Não Especificado e por isso ainda discute-se o conceito, suas características, interação e sintomas. No presente trabalho, foram apontadas as características gerais da ortorexia nervosa e foi realizada uma revisão de literatura de cinquenta e cinco artigos publicados em português e inglês, no período de 2009 a 2019. Para análise de dados, os artigos foram separados de acordo com os fatores que influenciam o surgimento da ortorexia nervosa em adultos. Os estudos apontaram que existem grupos mais vulneráveis para desenvolver a ortorexia nervosa e fatores psicossociais podem influenciar no seu desencadeamento e manutenção. É importante ressaltar a relevância do tema na sociedade contemporânea, pois pôde-se observar durante esta revisão que as pesquisas sobre o assunto aumentaram nos últimos anos, porém, ainda são necessários mais estudos para descrever de modo mais completo o comportamento ortoréxico, sua etiologia, possível diagnóstico e tratamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ortorexia, Comportamento alimentar, Alimentação Saudável, Transtornos alimentares.

**ORTHOREXIA NERVOSA: FACTORS THAT INFLUENCE THE APPEARANCE OF ADULT DISORDER**

**ABSTRACT:** Described as pathological obsessive behavior, orthorexia nervosa is characterized by fixation by food health, food quality and diet purity. The condition has recently been recognized as an Unspecified Eating Disorder and therefore the concept, its characteristics, interaction and symptoms are still discussed. In the present study, the general characteristics of orthorexia nervosa were pointed out and a literature review of fifty-five articles published in Portuguese and English, from 2009 to 2019, was performed. For data analysis, the articles were separated according to factors that influence the emergence of orthorexia nervosa in adults. Studies have shown that there are more vulnerable groups to develop orthorexia nervosa and biopsychosocial factors may influence its triggering and maintenance. It is important to emphasize the relevance of the theme in contemporary society, as it was observed during this review that research on the subject has increased in recent years, but further studies are still needed to more fully describe the orthorexic behavior, its etiology, possible diagnosis and treatment.

**KEYWORDS:** Orthorexia, Eating behavior, Healthy eating, Eating disorders.

## 1 | INTRODUÇÃO

É cada vez mais evidente na sociedade contemporânea que a cobrança pelos padrões de beleza tem gerado maior interesse pelo alcance de uma boa alimentação. A crescente preocupação com uma vida mais sadia, aliada ao conhecimento dos muitos fatores que afetam a saúde humana, também têm despertado maior interesse para obtenção de uma alimentação mais saudável (SICHERI et al., 2011).

Para Sizer e Whitney (2013), uma avaliação sobre o que é saudável ou não depende de muitos fatores, tais como: história individual e familiar, cultura, religião, aspectos econômicos, experiência pessoal, preferências e aversões, conhecimentos e crenças. Belmont e Luna (2016) ressaltam que o comer adequadamente não está relacionado apenas com a manutenção da saúde, mas também com um comportamento socialmente aceitável, flexibilidade e satisfação. Sendo assim, diversas patologias relacionadas aos transtornos alimentares vem se destacando.

Segundo a American Dietetic Association (2016), os Transtornos Alimentares são graves distúrbios psiquiátricos considerados importantes problemas de saúde. São caracterizados por perturbações no comportamento alimentar, que podem levar ao emagrecimento extremo, à obesidade ou outros problemas físicos. Ainda de acordo com a American Dietetic Association, os quadros clássicos têm seus critérios diagnósticos definidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) ou Associação Americana de Psiquiatria (APA), enquanto outros quadros considerados não oficiais têm sido sugeridos nos últimos anos, denominados muitas vezes de comer transtornado (do inglês, *disorder eating*).

Para Martins et al. (2011) e Cordás; Salzano (2014), os principais tipos de transtornos já descritos são a anorexia nervosa e a bulimia nervosa. Porém, segundo os autores, quadros mais leves que não preenchem todos os critérios para a doença, mas que marcam uma profunda insatisfação com o corpo, busca incessante de dietas e cirurgias plásticas, eventuais usos de recursos extremos para emagrecer (vomitar, usar laxantes, diuréticos, moderadores de apetite e exercício físico compulsivo) podem abranger 15% da população mundial adulta feminina. Um quadro recentemente apresentado, que vem despertando interesse na comunidade científica é denominado de Ortorexia Nervosa (do grego, *orthos* que significa correto e *orexis*, apetite) (BRATMAN; KNIGHT, 2009).

Segundo Scarff (2017), o termo Ortorexia Nervosa foi criado por Steven Bratman, médico americano, que sugeriu esse quadro ou condição como um novo comportamento alimentar transtornado, descrito como obsessivo patológico e caracterizado pela fixação por saúde alimentar, qualidade dos alimentos e pureza da dieta. Ainda de acordo com o mesmo autor, o quadro foi reconhecido no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM - V) como um Transtorno Alimentar Não Especificado. Nesta categoria aplica-se a apresentação em que sintomas característicos de um transtorno alimentar que causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou

em outras áreas importantes da vida do indivíduo predominam, mas não satisfazem todos os critérios para qualquer transtorno na classe diagnóstica de transtornos alimentares (DSM –V,2014), por isso, ainda discute-se o conceito, suas características, interação e sintomas.

Recentemente, Bartrina (2009) descreveu que o perfil dos indivíduos mais vulneráveis à ortorexia nervosa são pessoas meticolosas, organizadas e com exagerada necessidade de autocuidado ou proteção. Esse grupo inclui mulheres, adolescentes, pessoas adeptas de modismos alimentares e de hábitos alimentares alternativos, profissionais da área da saúde e atletas que se dedicam a esportes como fisiculturismo e atletismo. Ainda de acordo com o mesmo autor, a ortorexia nervosa abrange 6,9% da população geral mundial.

Segundo Brytek-Matera (2012); Donini et al. (2016) e Lucka et al. (2018), o comportamento requer considerável autodisciplina e autocontrole para seguir a dieta, que difere radicalmente dos hábitos alimentares adquiridos na infância, do estilo de vida da sociedade e da cultura na qual o indivíduo está inserido. Além disso, a ideologia seguida faz com que, na procura por um corpo saudável, elimine-se tudo o que é “artificial” e a alimentação passe a ser a preocupação central do dia a dia (ZAMORA et al., 2009; RIBEIRO e OLIVEIRA, 2011; DONINI et al., 2016).

Para Mathieu (2009); Dunn; Bratman (2016) e McComb; Mills (2019), a vida interna do indivíduo ortoréxico passa a ser: resistir às tentações, se punir pelos lapsos e se congratular pelas restrições que consegue fazer, pois preferem jejuar à comer o que considera impuro ou perigoso.

Para Kinzl et al. (2009); Bartrina (2009); Fidan et al. (2010); Segura-Garcia et al. (2012); Koven; Senbonmatsu (2013); Bundros et al. (2016), a ortorexia nervosa possui características similares a outros transtornos alimentares, porém diferencia-se da bulimia nervosa e anorexia nervosa por não se preocupar com a quantidade dos alimentos ingeridos.

O presente trabalho visa descrever fatores que influenciam o surgimento da ortorexia nervosa em adultos, assim como, embasar melhor os profissionais da área de saúde, fornecendo informações mais específicas e necessárias para que possam identificar o indivíduo com comportamento ortoréxico e encaminhá-lo ou tratá-lo adequadamente, contribuir com a comunidade científica para uma maior compreensão da doença, descoberta de tratamentos mais eficazes e ampliação do conhecimento teórico-científico sobre o transtorno.

## 2 | METODOLOGIA

A fim de realizar uma revisão de literatura, as bases de dados consultadas foram: Scielo (Scientific Eletronic Library Online), Lilacs (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e PubMed.

Em uma primeira etapa, foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: *orthorexia nervosa*, *eating disorder*, *eating behavior* e *healthy eating*. A escolha destas palavras

são justificadas pela associação direta ao estudo proposto. Foram admitidos para esta revisão os artigos publicados nos períodos de 2009 a 2019, restringindo-se a publicações em português e inglês com relação direta ao presente estudo.

A segunda etapa foi realizada através de leitura sistemática dos resumos apresentados nos artigos pré-selecionados, a fim de verificar quais estudos estavam apropriados ao objetivo apontado por este trabalho. Para análise de dados, os artigos foram selecionados de acordo com os fatores desencadeadores da ortorexia nervosa. Foram avaliados os fatores mais descritos na literatura bem como levantadas hipóteses que explicam a alta frequência desses fatores.

A figura 1 demonstra as estratégias utilizadas para a busca nos indexadores eletrônicos, além dos números dos artigos encontrados e incluídos de acordo com os critérios pré-definidos para esta revisão. No total, foram incluídos 55 artigos.

A terceira e a última etapa consistiram em leitura e tabulação de artigos selecionados e análise dos dados associados ao objetivo e hipótese propostos para este trabalho, respectivamente. Os artigos foram discutidos de acordo com os assuntos relacionados, e os fatores que influenciam no desenvolvimento da ortorexia nervosa foram argumentados por categoria (grupos vulneráveis, dieta, gênero, uso de aplicativos de celulares, nível socioeconômico e família).

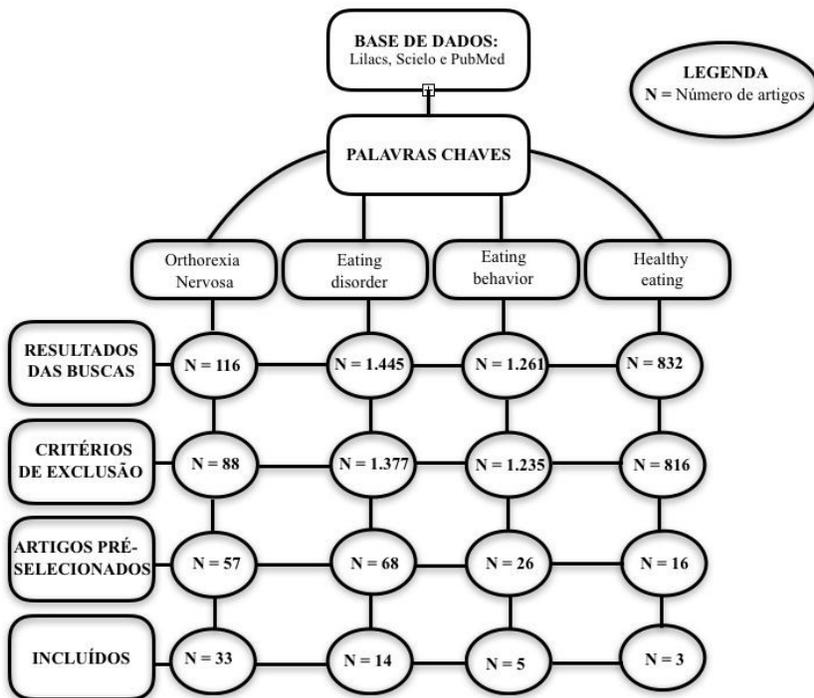


Figura 1: Número de artigos selecionados e excluídos nas bases de dados Lilacs, *Scielo* e *PubMed*.

## 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos estudos sobre ortorexia nervosa são recentes, possivelmente pelo fato de tal comportamento alimentar ter sido descrito pela primeira vez há pouco mais de vinte anos.

Nesta revisão de literatura foram investigados os fatores biopsicossociais que podem influenciar no surgimento da ortorexia nervosa e que estão associados ao contexto de vida do indivíduo.

Baseado nisso, foi realizado uma correlação dos aspectos semelhantes apresentados em cada artigo sobre os fatores desencadeadores da ortorexia nervosa.

### 3.1 Fatores que influenciam o surgimento da ortorexia nervosa

O modelo etiológico mais aceito atualmente para explicar os fatores que desencadeiam os transtornos alimentares é o multifatorial, que baseia-se na hipótese de que vários fatores biológicos, psicológicos e sociais estejam envolvidos e inter-relacionados (BRYANT; LASK, 2015). Para Sichieri et al. (2011), de modo geral, os transtornos alimentares são produtos de uma complexa inter-relação entre aspectos biopsicossociais e por fatores desencadeadores entende-se as influências genéticas, de gênero, psicológicas e o ambiente no qual o indivíduo se desenvolve, ou seja, seu meio social, cultural e familiar. Também têm-se como exemplos as manutenções das relações familiares e condição econômica do indivíduo, somadas às contribuições dos veículos publicitários (forma de expressão cultural da atualidade), que estabelece padrões de beleza nos quais são cultuadas as formas magras e definidas de um corpo extremamente desejado, idealizando uma perfeição corporal surreal (SICHIERI et al., 2011).

#### *3.1.1 Grupos mais vulneráveis para o desenvolvimento da ortorexianervosa*

Alvarenga et al. (2012), definiram atitude alimentar como crenças, pensamentos, sentimentos, comportamentos e relacionamentos com os alimentos. Ainda de acordo com os mesmos autores, esta visão engloba, portanto, as sensações e os conhecimentos que o indivíduo tem sobre alimentação e a carga afetiva em relação aos alimentos, e estes fatores predis põem e mantém determinadas ações que marcam o relacionamento de uma pessoa com sua alimentação, podendo desencadear a ortorexia nervosa. Martins et al. (2011) concordaram quando descreveram que uma atitude alimentar saudável em relação ao alimento envolveria, portanto, um entendimento do seu papel fisiológico, emocional e social.

Para Bartrina (2009); Bratman; Knight (2009); Zamora et al. (2009); Martins et al. (2011); Brytek-Matera (2012); Dunn; Bratman (2016) e Cena et al. (2019), indivíduos mais vulneráveis ao desenvolvimento da ortorexia nervosa apresentam sentimentos, crenças, pensamentos e comportamentos em relação aos alimentos que são considerados

obsessivos. De acordo com os mesmos autores, são pessoas ansiosas, perfeccionistas, que apresentam necessidades de controle, de seguir regras rígidas e desejo de sentir-se puras. Barrada; Roncero (2018) e Lucka et al. (2018), colaboram quando em seus estudos notam que o desenvolvimento da ortorexia nervosa está positivamente relacionado à angústia psicológica, sintomas obsessivos compulsivos, perfeccionismo e baixa auto-estima física. Porém, Ribeiro; Oliveira (2011) e Cândido et al. (2015), contestam tais definições quando descrevem que adolescentes, adultos jovens e idosos estão sujeito à desenvolver o quadro, independente de sua personalidade, devido a busca de uma imagem perfeita, não medindo consequências para o alcance dos seus objetivos, um corpo puro e saudável. Kinzl et al. (2009), complementam quando ressaltam que pessoas solteiras e que moram sozinhas apresentam maior propensão para desenvolver comportamentos ortoréxicos por apresentarem hábitos alimentares mais rígidos. Já Scarff (2017), considera que a identificação dos grupos vulneráveis à ortorexia nervosa tem sido dificultada pelo fato do pequeno número de estudos realizados até o momento, o que evidencia o objetivo do presente estudo.

Segundo Bosi et al. (2009); Korinth et al. (2010) e Pontes (2012), estudos apontam que estudantes e profissionais da área da saúde são mais vulneráveis à desenvolverem comportamento ortoréxico, principalmente nutricionistas e estudantes de nutrição, pois além de apresentarem preocupação muitas vezes excessiva com o peso e a imagem corporal, são mais exigidos pelo contexto no qual estão inseridos a terem uma alimentação adequada e esta situação pode levar o indivíduo a desenvolver uma preocupação exagerada com a qualidade dos alimentos ingeridos. Tal aspecto pode ser considerado um fator desencadeador para o surgimento da ortorexia nervosa, visto que o comportamento ortoréxico pode ser desencadeado por dietas que são iniciadas com o objetivo de obter uma alimentação saudável. Diante dessa questão, Rocha et al. (2014), salienta que futuros nutricionistas, em sua maioria mulheres, preocupadas com a aparência e por acreditarem que sua forma física é importante para adquirir credibilidade e uma profissão de sucesso, podem ser considerados um grupo de risco para desenvolvimento do transtorno alimentar. Kinzl et al. (2009); Bartrina (2009); Fidan et al. (2010); Sichieri et al. (2011) e Araújo et al. (2015), através de estudos realizados para identificar grupos vulneráveis à ortorexia nervosa, concordam quando apontam evidências de que estudantes e profissionais da área de saúde, tais como estudantes de medicina, nutricionistas e médicos, podem ter maior predisposição a comportamentos ortoréxicos pela necessidade de lidarem diretamente com os temas saúde e/ou alimentação saudável. Indo de encontro a estes autores, Malmborg et al. (2017), verificaram que estudantes de educação física (profissão que também lida com essas questões), demonstram maior tendência de apresentar comportamentos ortoréxicos quando comparados à estudantes de negócios (84,5% e 65,4%, respectivamente). Em contrapartida, Korinth et al. (2010), em estudo realizado numa universidade alemã, onde questiona a hipótese em relação aos estudantes de nutrição, constatou que a presença da

ortorexia nervosa não diferiu entre estudantes de nutrição e estudantes de outras áreas, embora os estudantes de nutrição apresentassem maiores níveis de restrições alimentares. Ainda de acordo com os autores, as tendências ortoréxicas foram menores nos estudantes de nutrição mais avançados, pois mostraram escolhas alimentares mais saudáveis, diminuindo sua tendência a serem obsessivos em seu comportamento alimentar. Lopes; Kirsten (2009), concordam, quando apontam em uma pesquisa realizada com 200 alunas dos cursos de nutrição, farmácia e enfermagem de uma universidade do Sul, que não houve indícios de comportamentos ortoréxicos nesses estudantes. É importante destacar que os estudos realizados apresentam limitações, uma vez que trata-se de uma pequena amostra de estudantes alemães e brasileiros, impedindo que os resultados encontrados sejam generalizados para diferentes países e contextos socioculturais.

Uma pesquisa realizada por Souza; Rodrigues (2014), também estabelece a propensão de estudantes e profissionais da área de saúde serem mais vulneráveis ao desenvolvimento do comportamento ortoréxico. Participaram de seus estudos 150 universitárias do curso de nutrição de uma universidade do estado de São Paulo e verificou-se que 88,7% dos universitários apresentavam comportamento de risco para ortorexia nervosa. Pontes et al. (2014), realizou estudo semelhante com estudantes do curso técnico em Nutrição e Dietética, e constatou que 83% apresentavam comportamento de ortorexia nervosa. Tais pesquisas demonstram que estudantes de nutrição, de cursos de graduação ou técnico, são grupos de risco para desenvolver a ortorexia nervosa. Porém, cabe ressaltar que os estudos são restritos a certos grupos de estudantes, pois não abrangem comparações com estudantes de outros cursos e também não apresentam grupo controle, o que tornam tais resultados questionáveis. Vale salientar ainda que, diante de tais resultados encontrados, o presente estudo pode contribuir para discussão sobre a temática durante a formação desses profissionais e como alerta para os próprios formadores dos cursos de nutrição, o que desperta a necessidade de novas pesquisas para melhor compreensão do possível desencadeamento da ortorexia nervosa nestes profissionais.

### *3.1.2 Influência da dieta no desenvolvimento do comportamento ortoréxico*

Para Varga et al. (2014) e Dunn; Bratman (2016), embora a perda de peso não faça parte de objetivos primários dos indivíduos com ortorexia nervosa, ela é apontada como um possível fator desencadeador. Kinzl et al. (2009), Pontes et al. (2014) e Missbach et al. (2015), concordam quando ressaltam que a realização de restrições alimentares e a adoção de dietas consideradas “corretas” e saudáveis é uma estratégia largamente utilizada por indivíduos que almejam redução do peso e/ou alteração do formato corporal, e isso pode servir como gatilho para o início do desenvolvimento de comportamentos alimentares associados ao quadro. Barrada; Roncero (2018) questionam tais fatos, quando em estudos recentemente realizados, notaram que muitos indivíduos optam por uma dieta saudável

como “modo de vida”, gastam dinheiro e tempo com o planejamento e preparo dos alimentos, porém não apresentam propensão para o desenvolvimento de comportamento ortoréxico. É importante ressaltar que possuir hábitos alimentares saudáveis não é patológico, porém, a preocupação excessiva em consumir somente estes tipos de alimentos, pode ser um fator desencadeador para a ortorexia nervosa.

A insatisfação com a imagem corporal e o excesso de peso estão diretamente associados à prática de dietas, e estudos realizados por Araújo et al. (2015), demonstraram que experiências frequentes com dietas aumentam a tendência para o desenvolvimento de ortorexia nervosa, concordando com Hyrnik et al. (2016), que durante um estudo realizado com 1.899 adolescentes poloneses, constataram que os indivíduos que estavam fazendo dieta apresentaram maior pontuação para o desenvolvimento de comportamento ortoréxico. Na realidade, a exposição de jovens a imagens super valorizadas de magreza é um importante fator para proporcionar a ocorrência de transtornos alimentares, pois esse fenômeno encontra-se em um paradoxo no qual o comer saudável não é saudável e portanto, pode-se levantar a hipótese de que pessoas com comportamento de risco para ortorexia estão, especialmente do ponto de vista psicológico, adoecidas, mesmo que seu peso esteja de acordo com os padrões de normalidade estabelecidos.

Curiosamente durante seus estudos, Oberle et al. (2019), em uma análise dos motivos que levam os indivíduos com comportamento ortoréxico a realizar atividades físicas, constatou que pessoas com ortorexia nervosa se exercitam não apenas com o objetivo de melhorar a sua saúde física e evitar problemas de saúde, mas também para melhorar sua saúde psicológica, usando o exercício como meio de controlar o estresse, como fator revitalizante.

### *3.1.3 Gênero e ortorexia nervosa*

De acordo com Pontes (2012) e McComb; Mills (2019), em relação à questão de gênero, o sexo feminino apresenta maior probabilidade de desenvolver o quadro quando comparado ao sexo masculino, e mulheres que manifestam quadros de ansiedade tendem a ser mais vulneráveis ao desenvolvimento do transtorno. Bartrina (2009) e Bratman et al. (2019), concordam quando sugeriram que pessoas adeptas a modismos alimentares e adolescentes esportistas do sexo feminino dedicadas ao fisiculturismo e atletismo seriam possíveis grupos vulneráveis à ortorexia nervosa.

Já Melin; Araújo (2009) questionam quanto à questão de gênero, pois para os autores a taxa exata de transtornos alimentares no sexo masculino ainda não foi completamente estabelecida, até porque os homens são excluídos de muitos estudos, chegando-se inclusive à crença de que homens não sofrem desses distúrbios. Vital et al. (2017) corroboram quando durante sua pesquisa desenvolvida em uma instituição de ensino superior no município de Petrolina/PE, puderam constatar maior prevalência de

comportamento de risco para o desenvolvimento da ortorexia nervosa no sexo masculino que no sexo feminino (88% e 73,3% respectivamente), concluindo através de sua análise estatística que não houve associação entre comportamento ortorético e sexo, concordando com Almeida et al. (2018), que durante seus estudos não encontraram correlação entre tendências ortoréticas e gênero.

Para Aksoydan; Camci (2009); Varga et al. (2013); Bundros et al. (2016), a ortorexia nervosa abrange a população geral e a diferença de gênero não é um fator de propensão para desencadear o quadro. Fidan et al. (2010), em uma pesquisa com estudantes de diversas áreas, verificaram uma tendência significativamente mais alta no sexo masculino para desenvolver comportamentos relacionados a transtornos alimentares e ortorexia nervosa discordando do proposto por Arusoglu et al. (2009), que investigou 994 voluntários de uma universidade da Turquia, com idade entre 19 e 66 anos, e pode constatar que as mulheres exibiram mais sintomas ortoréticos que os homens. Vale ressaltar que deve-se ter cuidado ao generalizar os resultados relatados, pois apresentam limitações, uma vez que não foram apontados pelo autor a proporção entre homens e mulheres, e portanto necessitam de mais discussões a respeito.

Aksoydan; Camci (2009), avaliaram 94 artistas turcos de ambos os gêneros e concluíram que não houve correlação entre gênero, idade e escolaridade para o desenvolvimento da ortorexia nervosa, concordando com os estudos realizados por Barthels et al. (2019), onde também não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes em relação ao comportamento ortorético, idade e gênero. Alvarenga et al. (2012) ressaltam que a ortorexia é um distúrbio descoberto recentemente e pouco estudado, portanto não existem muitos parâmetros validados para definir fatores desencadeadores do quadro, já que os trabalhos realizados nessa área são de diferentes localidades dificultando a universalização dos resultados. A maioria dos estudos realizados até o presente momento, concentram-se na Europa e Turquia, sendo que no Brasil, pesquisas foram iniciadas recentemente.

### *3.1.4 Ortorexia nervosa e o uso de aplicativos móveis*

Outro ponto que pode ser considerado um fator desencadeador da ortorexia nervosa é o uso de aplicativos móveis (apps), para influenciar comportamentos de saúde. Segundo Juarascio et al. (2015), o uso de telefones celulares e tablets tornou-se parte da vida cotidiana moderna e com o aumento do uso desses aparelhos, surge a proliferação de aplicativos que podem causar danos às pessoas, como por exemplo, o uso de aplicativos que calculam as calorias e a quantidade de alimentos ingeridos, assim como as calorias perdidas durante a prática de exercícios físicos. De acordo com o autor, esses rastreadores de calorias tem o potencial de desencadear, manter ou exacerbar a sintomatologia do transtorno alimentar. Para Simpson; Mazzeo (2017), é importante entender como esse

tipo de aplicativo impacta os indivíduos, uma vez que pessoas freqüentemente se tornam obsessivos e perfeccionistas com a contagem de calorias, o que pode levar ao aumento dos transtornos alimentares e influenciar no surgimento da ortorexia nervosa. Rentko (2015), concorda ao descrever que o uso de aplicativos de rastreamento de calorias pode levar a uma dieta restritiva e desequilibrada e a superavaliação do peso e da forma (que é uma característica definidora dos transtornos alimentares).

Laing et al. (2014) e Higgins (2016) apontam que este tipo de aplicativo, também permitem ao usuário definir metas de peso, nutrição e aconselha sobre a quantidade de calorias necessárias para atingir esse objetivo. Juarascio et al. (2015), concorda quando salienta que dezenas de milhares de pessoas no mundo todo usam aplicativos para manejo de peso, para estabelecer metas de perda de peso e controlar as calorias ingeridas e as calorias gastas, no entanto, o uso desses aplicativos pode piorar a sua relação com o corpo e a comida, e até mesmo desencadear transtornos alimentares.

Durante o presente estudo, pôde-se observar que apesar do uso de smartphones e tablets ter aumentado no mundo todo e concomitante a tais fatos, a proliferação de aplicativos que podem ser usados para influenciar hábitos saudáveis, contagem de calorias ou até emagrecer, há pouca pesquisa sobre seu uso e não foi identificada nenhuma pesquisa relacionada especificamente em indivíduos diagnosticados com transtornos alimentares, porém pesquisas têm demonstrado que o uso de “apps” que contam calorias podem contribuir para o aumento de sintomas relacionados aos transtornos alimentares e ser fator de risco para desenvolver e manter esses quadros, podendo alterar a saúde e o bem-estar do indivíduo.

### *3.1.5 Nível Socioeconômico e ortorexia nervosa*

Para Varga et al. (2013), é importante discutir sobre elementos que influenciam no surgimento da ortorexia nervosa com um enfoque biopsicossocial, conhecer os fatores geográficos, econômicos, sociais e psicológicos que juntos determinam as escolhas alimentares em grupos distintos e específicos, e podem ser fatores consideráveis para desencadear o quadro. Bosi et al. (2009) e Mathieu (2009), apontam a presença do componente econômico como um fator desencadeador e mantenedor da ortorexia nervosa, pois segundo o autor, um indivíduo de baixo poder aquisitivo, dificilmente poderia “contribuir” com uma obsessão por alimentos onerosos como muitos dos que seriam classificados como saudáveis, e portanto dificultaria o desencadeamento e manutenção do comportamento ortoréxico. Donini et al. (2016), concorda quando descreve que a maioria das pessoas que apresentam ortorexia nervosa são mulheres de nível econômico alto, com acesso à informação e bom nível de instrução. Para Fidan et al. (2010) e Varga et al. (2013), os hábitos alimentares diferem entre algumas classes econômicas devido ao acesso à disponibilidade de alimentos e escolhas alimentares e portanto, o fator econômico apresenta grande influência no desencadeamento e manutenção de comportamentos ortoréxicos.

### 3.1.6 Família e comportamento ortoréxico

A maioria dos estudiosos dos transtornos alimentares concordam que a família apresenta um papel essencial no desencadeamento da ortorexia nervosa, sendo assim, Castro et al. (2009), destaca que é fundamental unir família e paciente para que juntos, possam encontrar maneiras e alternativas variadas para reconstruir e ressignificar suas vivências e assim, libertar-se de padrões de comportamentos diferenciais e inadequados. De acordo com os autores, a família assume um papel de destaque, possui uma função de grande valor e de suma importância na manutenção dos transtornos alimentares. Já Fidan et al. (2010) e Varga et al. (2013), contestam tais autores, ao dizer que a tendência para a ortorexia nervosa não depende do papel da família e seus hábitos alimentares, mas talvez de sua condição socioeconômica e cultural, pois observaram em suas pesquisas que o comportamento dos pais não influenciaram o desenvolvimento de ortorexia nervosa nos filhos. Para Barrada; Roncero (2018), a família pode ser um fator considerável para desencadear e manter a ortorexia nervosa. Oberle et al. (2019), aponta que indivíduos com comportamento ortoréxico acreditam que sua saúde é amplamente controlada por ele mesmo, e portanto, o ambiente familiar não exerce influência no desencadeamento e manutenção do quadro.

Devido à abrangência de fatores que podem acarretar o comportamento ortoréxico, foi possível perceber que sua definição é complexa, pois segundo Koven; Abry (2015), a buscar por uma alimentação saudável é vista como algo benéfico e os indivíduos acometidos pelo problema costumam buscar cada vez mais por melhorias na dieta. Para Pontes (2012), essas práticas são motivadas pelo desejo de aumentar o bem-estar e saúde física e consideradas corretas tanto pelo indivíduo como pelas pessoas que o cercam, sem que percebam que tal comportamento pode trazer prejuízos à saúde.

Segundo Penaforte et al. (2018), a ortorexia nervosa merece aprofundamento em relação aos fatores disparadores, os quais são definidos por ele como complexos devido à sua amplitude. Scarff (2017), descreve que mais pesquisas são necessárias para determinar os possíveis fatores que influenciam no desenvolvimento do comportamento ortoréxico, já que há um debate significativo sobre a ortorexia nervosa ser uma síndrome única, uma variação de outras síndromes ou um comportamento e atitude culturalmente influenciado. Indo de encontro, Kummer et al. (2009), ressaltam que ainda não há um consenso sobre ortorexia nervosa vir a ser considerada um novo transtorno alimentar. Para Barthels et al. (2019), até o momento não existe uma definição universalmente compartilhada para fatores considerados desencadeadores da ortorexia nervosa e, seus critérios diagnósticos ainda estão em debate.

Embora o objetivo deste trabalho consistiu em investigar quais os fatores que podem desencadear a ortorexia nervosa, foi encontrado na literatura várias associações com diversas situações cotidianas que dependem do fator biopsicossocial do indivíduo para que

se desenvolva o transtorno mencionado. Entretanto, vale ressaltar que o próprio conceito de ortorexia nervosa tem sido alvo de discussões nos meios científicos, o que impossibilita o detalhamento do quadro de modo completamente claro e objetivo, mas apesar das limitações dos estudos, os trabalhos existentes trazem informações que são consideradas relevantes como ponto de partida para compreensão do comportamento ortoréxico, bem como os fatores que desencadeiam o quadro.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de que a dieta exerce um importante papel na promoção da saúde e prevenção de doenças está cada vez mais presente na vida das pessoas, porém, uma alimentação saudável não deve envolver restrições e nem classificar os alimentos em bons e ruins. Aprática de uma alimentação saudável é um elemento essencial para a qualidade de vida dos indivíduos, o que tem feito crescer o interesse da Psicologia nesta área de estudos.

Ao percorrer o caminho dessa discussão sobre alimentação saudável, foi possível observar que engloba aspectos sociais, nutricionais, econômicos, psicológicos, tecnológicos, entre outros. Dessa forma, parece evidente que os comportamentos alimentares saudáveis devam apresentar certo equilíbrio entre os diversos aspectos biopsicossociais envolvidos com a alimentação humana. Sendo assim, pode-se entender que o conceito de alimentação saudável é amplo e se faz necessário ser analisado com cautela.

A prevalência da ortorexia nervosa ainda é desconhecida em nossa sociedade, porém o seu surgimento é preocupante, visto que pode trazer problemas não apenas psicossociais como também nutricionais. Portanto, é imprescindível maiores investigações sobre o assunto e uma divulgação mais ampla para que possa haver a prevenção, pois embora ainda seja pouco estudada, a ortorexia pode acarretar vários problemas à saúde, podendo inclusive ser letal.

Existem poucos estudos sobre a ortorexia nervosa no Brasil e América Latina, a maioria dos trabalhos disponíveis foram realizados em lugares muito diversos (Alemanha, Áustria, Itália, Suécia e Turquia), em amostras pequenas e específicas, de modo que a tradução para nossa realidade deva ser feita de forma muito cuidadosa, visto não ser possível uma universalização dos resultados. Isso torna de extrema importância a realização de pesquisas que apontem sua prevalência na população geral e em grupos considerados mais vulneráveis para o desenvolvimento do comportamento ortoréxico.

É importante que o tema seja discutido para alertar os profissionais da área da saúde sobre a existência desse comportamento inadequado e suas possíveis consequências não só para a saúde física e emocional, mas também para a visão de alimentação saudável, pois a maioria da população desconhece completamente a doença e os efeitos que ela pode causar à saúde, e portanto, é importante ressaltar que o conceito e a adoção de hábitos saudáveis e seguros na alimentação devem estar afastados de atitudes e práticas

obsessivas e perfeccionistas, ainda que elas sejam motivadas por um desejo de alcançar a pureza da dieta a qualquer custo.

Ainda há um longo caminho de investigação científica a ser percorrido para que a ortorexia nervosa seja amplamente conhecida e compreendida. São necessários mais estudos para descrever de modo mais completo o comportamento ortoréxico, sua etiologia, possível diagnóstico, tratamento, grupos e/ou populações vulneráveis.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. et al. **Orthorexia nervosa in a sample of Portuguese fitness participants.** University of Coimbra, Coimbra, Portugal. Aug;23(4):443-451.2018.
- ALVARENGA, M. S. et al. **Orthorexia nervosa behavior in a sample of Brazilian dietitians assessed by the Portuguese version of ORTO-15.** Eating and Weight Disorders. 17, 29-35. 2012.
- AKSOYDAN, E.; CAMCI, N. **Prevalence of orthorexia nervosa among Turkish performance artists.** Eat Weight Disord. 14(1):33-7. 2009.
- AMERICAN DIETETIC ASSOCIATION. **Position of the American Dietetic Association: Nutrition intervention in the treatment of anorexia nervosa, bulimia nervosa, and other eating disorders.** J Am Diet Assoc. 106 (12):2073 - 82. 2016.
- ARAÚJO K. L. et al. Estigma do nutricionista com obesidade no mundo do trabalho. **Rev Nutr.** 28(6):569-79. 2015.
- ARUSOGLU, G. et al. **Orthorexia nervosa and adaptation of ORTO-11 into Turkish.** Turk J Psychiatr. 19(3):1-9. 2009.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM V.** 5ª ed. São Paulo: Artmed: 2014.
- BARRADA, J. R.; RONCERO, M. Bidimensional structure of the orthorexia: Development and initial validation of a new instrument. **An Psicol.** 34: 283–291.2018.
- BARTRINA, J. A. Orthorexia: or obsession with a healthy diet. **Arch Latinoam Nutr.** 57(4):313-315. 2009.
- BARTHELIS, F. et al. **Orthorexia nervosa and healthy orthorexia as new eating styles.** PLoS ONE. July;14(7): e0219609. 2019.
- BELMONTE, T. S. A.; LUNA, C. A. Orthorexia nervosa: um desafio para o nutrólogo. **Int J Nutr.**, v.9, n.1, p. 128-139, 2016.
- BRATMAN, S., KNIGHT, D. **Health food junkies: overcoming the obsession with healthful eating.** Broadway Books, New York, 2009.

BRATMAN, S. et al. **Definition and diagnostic criteria for orthorexia nervosa: A narrative review of the literature.** *Eat Weight Disord.* 2019; 209–246.

BUNDROS, J. et al. Prevalence of orthorexia nervosa among college students based on Bratman's test and associated tendencies. **Appetite**; 2016. 101:86–94.

BRYANT, W. R., LASK, B. **Childhood-onset eating disorders.** In: **Brownell KD, Fairburn CG, editors. Eating disorders and obesity: a comprehensive handbook.** New York: The Guilford Press; 2015. p. 183-7.

BRYTEK-MATERA, A. **Orthorexia nervosa an eating disorder, obsessive-compulsive disorder or disturbed eating habit?** *Archives Psychiatry and Psychotherapy* 14, 2012, 55–60.

BOSI, A. T. B. et al. Prevalence of orthorexia nervosa in resident medical doctors in the faculty of medicine (Ankara, Turkey). **Appetite** 2009; 49(3):661-6.

CASTRO, J. et al. Quality of rearing practices as predictor of short-term outcome in adolescent anorexia nervosa. **Psychological Medicine** 30: 61-7, 2009.

CÂNDIDO, A. P. C et al. Transtornos alimentares: uma revisão dos aspectos etiológicos e das principais complicações clínicas. **HU Revista**, 2015. 40(3 e 4). Recuperado de <https://periodicos.ujf.br/index.php/hurevista/article/view/2439>. Acesso em: 24 agosto 2019.

CENA, H. et al. **Definition and diagnostic criteria for orthorexia nervosa: a narrative review of the literature.** **Food science and Human Nutrition Research.** University of Rome, Apr;24(2):209-246, 2019.

CORDÁS, T. A.; SALZANO, F. T. **Os transtornos alimentares e a evolução no diagnóstico e no tratamento.** In: ALVARENGA M.; PHILIPPI, S.T. *Transtornos alimentares: uma visão nutricional.* Barueri, SP: Manoele, 2014. p. 39-62.

DONINI, L. et al. **Erratum to: Orthorexia nervosa and self-attitudinal aspects of body image in female and male university students.** *J Eat Disord.* 2016; 4.

DUNN, T. M.; BRATMAN, S. **On orthorexia nervosa: A review of the literature and proposed diagnostic criteria** *Eat Behavior.* 2016; 21: 11–17.

FIDAN, T. et al. **Prevalence of orthorexia among medical students in Erzurum, Turkey.** *Compr psychiatry* 2010;51(1):49-54.

HIGGINS, J. Smartphone applications for patients' health and fitness. **The American Journal of Medicine.** 2016; 129(1):11–19.

HYRNIK, J. et al. The assessment of orthorexia nervosa among 1899 Polish adolescents using the ORTO-15 questionnaire. **Int J Psychiatry Clin Pract.** 2016;20(3):199-203.

JUARASCIO, A. S. et al. **Review of smartphone applications for the treatment of eating disorders.** *European Eating Disorders Review.* 2015; 23(1):1–11.

KINZL, J. F. et al. **Orthorexia nervosa in dieticians.** *Psychother Psychosom.* 2009; 75(6):395-6.

KORINTH, A. et al. Eating behaviour and eating disorders in students of nutrition sciences. **Public Health Nutr.** 2010; 13(1): 32-7.

KOVEN, N. S.; SENBONMATSU, R. **A neuropsychological evolution of orthorexia nervosa.** *Open J Psychiatry* 3:214–222, 2013.

KOVEN, N. S.; ABRY, A. W. **The clinical basis of ortorexia nervosa: emerging perspectives.** *Neuropsychiatry Dis Treat.*, v.11, p. 385-394, 2015.

KUMMER, A. et al. **On the concept of orthorexia nervosa.** *Scand. J Med Sci Sports.*2009; 18(3):395-6.

LAING, B. Y. et al. **Effectiveness of a smartphone application for weight loss compared to usual care in overweight primary care patients: a randomized controlled trial.** *Ann Intern Med,* 2014; 161(10): S5-S12.

LOPES, M. R.; KIRSTEN, V. R. Comportamento de ortorexia nervosa em mulheres jovens. **Ciências da Saúde, Santa Maria.** v. 10, n. 1, p. 97-105, 2009.

LUCKA, I. et al. **Orthorexia Nervosa - a separate clinical entity, a part of eating disorder spectrum or another manifestation os obsessive-compulsive disorder?** *Psychiatry. Pol.* Nr 97: 1-12. April 2018.

MALMBORG, J. et al. Health status, physical activity, and orthorexia nervosa: A comparison between exercise science students and business students. **Appetite.** 2017;109:137-143.

MARTINS, M. C. T. et al. Ortorexia nervosa: reflexões sobre um novo conceito. **Rev Nutr** 2011; 24 (2):345-357.

MATHIEU, J. **What is orthorexia?** *J Am Diet Assoc* 2009;105(10):1510-2.

MELIN, P.; ARAÚJO, A. M. Transtornos alimentares em homens: um desafio diagnóstico. **Revista Brasileira de Psiquiatria,** n.24. pg. 73. Rio de Janeiro, 2009.

MCCOMB, S. E; MILLS, J. S. Orthorexia nervosa: A review of psychosocial risk factors. **Appetite.** 140, 50-75. Canadá, 2019.

MISSBACH B. et al. **When Eating Right, Is Measured Wrong! A Validation and Critical Examination of the ORTO-15 Questionnaire in German.** *PLoS One.* 2015.

OBERLE, C. D. et al. **Health beliefs, behaviors, and symptoms associated with orthorexia nervosa.** *Eat Weight Disord* 24:495-506, 2019.

PENAFORTE, F. R. O. et al. Ortorexia nervosa em estudantes de nutrição: associações com o estado nutricional, satisfação corporal e período cursado. **Revista Brasileira de psiquiatria.** 2018; 67(1): 18-24.

PONTES, J. B. **Ortorexia em estudantes de nutrição: a hipercorreção incorporada ao habitus profissional**. 2012. 73f. Dissertação (Mestrado em ciências da Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

PONTES, J. B. et al. **Ortorexia nervosa: adaptação cultural do Orto- 15. Demetra**. 2014;9(2):533-48.

RENTKO, E. Calorie counting application feedback: Potential impact on the teenage female psyche. **Journal of Student Science and Technology**. 2015; 8(1):49–54. DOI: 10.13034/JSST-2015-007

RIBEIRO, P. C. P.; OLIVEIRA, P. B. R. Culto ao corpo: Beleza ou doença? **Adolescência e saúde**. Rio de Janeiro, v.8, n.3. pg. 64, julho/setembro 2011.

ROCHA, M. A. P. et al. Ortorexia: uma compulsão por alimentos saudáveis. **Nutrição Brasil**, v. 14, n. 1. 2014.

SEGURA-GARCIA, C. et al (2012). **Orthorexia nervosa: a frequent eating disorder behavior in athletes**. *Eat Weight Disord* 17:223– 233.

SCARFF, J. R. **Orthorexia Nervosa: An Obsession with Healthy Eating**. *Federal Practitioner*. pg. 36-39. South Carolina. Julho, 2017.

SICHERI R. et al. **Recomendações de alimentação e nutrição saudável para a população brasileira**. *Arq Bras Endocrinol Metab*. 2011; 44 (3): 227-32.

SIZER, F. S.; WHITNEY, E. M. **Nutrição conceitos e controvérsias**. 8ª ed. Barueri: Manoele, 2013. p. 147.

SIMPSON, C. C.; MAZZEO, S. E. **Calorie counting and fitness tracking technology: Associations with eating disorder symptomatology**. *Eating Behaviors*. 2017; 26:89–92.

SOUZA, Q. J. O. V.; RODRIGUES, A. M. Comportamento de risco para ortorexia nervosa em estudantes de nutrição. **J Bras Psiquiatr**. 2014;63(3):200-4.

VARGA, M. et al. **Evidence and gaps in the literature on orthorexia nervosa**. *Eat Weight Disorder*. 2013;18(2):103-111.

VARGA, M. et al. **Orthorexia nervosa and it's background factors**. *Universidade de Semmelweis, Behavioral Science Institute*, 2013; 66(7-8):220-227.

VARGA, M. et al. When eating healthy is not healthy: orthorexia nervosa and its measurement with the ORTO-15 in Hungary. **BMC Psychiatry**. 2014;14:59.

VITAL, A. N. S. et al. Risco para desenvolvimento de ortorexia nervosa e o comportamento alimentar de estudantes universitários. **Revista Saúde e Pesquisa**, v.10,n.1, p.83-89, Maringá/PR, jan./abr:2017.

ZAMORA, M. L. C. et al. Orthorexia nervosa. A new eating behavior disorder? **Actas Esp Psiquiatr** 2009;33(1):66-8.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abordagem Centrada na Pessoa 129, 130, 131, 140, 141, 254

Adolescência 4, 36, 94, 104, 112, 115, 118, 119, 120, 121, 123, 127, 203, 222, 225, 254

Álgebra 142, 143, 144, 145, 146, 147, 152, 153, 254

Alienação Parental 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 254

Alimentação Saudável 207, 212, 217, 218, 254

Anorexia Nervosa 1, 2, 3, 5, 7, 9, 11, 12, 208, 209, 219, 220, 254

Aprendizagem 8, 25, 56, 62, 64, 69, 71, 72, 106, 107, 110, 114, 115, 127, 131, 134, 135, 136, 142, 143, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 163, 165, 166, 168, 171, 183, 194, 206, 225, 234, 235, 238, 248, 254

atividade física 181, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 254

Atividade Física 181, 184, 254

### C

Cardiopatia 74, 75, 79, 80, 82, 254

Centro de Atenção Psicossocial 84, 88, 90, 102, 103, 104, 254

Cognição 106, 114, 142, 157, 254

Comportamento 51, 52, 64, 65, 72, 99, 207, 221, 222, 254

Comportamento Alimentar 1, 2, 9, 207, 208, 211, 213, 222, 254

Contemporaneidade 11, 223, 231, 254

COVID-19 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 181, 182, 183, 184, 185, 189, 190, 191, 192, 254

Criança 1, 6, 7, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 57, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 79, 82, 95, 98, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 121, 123, 126, 127, 128, 151, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 168, 170, 171, 174, 179, 180, 254

Cultura 25, 31, 33, 102, 125, 134, 139, 151, 152, 153, 166, 203, 208, 209, 254

### D

Desenvolvimento Infantil 35, 41, 42, 43, 163, 254

Dificuldade de Aprendizagem 127, 136, 155, 254

### E

Educação 23, 24, 33, 34, 73, 84, 87, 96, 101, 102, 114, 129, 130, 133, 137, 139, 141, 153, 154, 165, 168, 172, 180, 181, 193, 237, 246, 252, 254

Educação Infantil 24, 73, 105, 106, 112, 114, 115, 140, 252, 254

Educação para Jovens e Adultos 133, 254

Ensino 24, 25, 31, 55, 63, 70, 93, 102, 105, 107, 110, 130, 133, 135, 139, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 165, 169, 171, 172, 181, 182, 183, 184, 189, 190, 191, 194, 195, 196, 204, 205, 206, 214, 234, 235, 236, 237, 238, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 254

Estatuto da Criança e do Adolescente 13, 15, 16, 19, 21, 174, 179, 180, 254

Estresse 35, 39, 54, 60, 75, 76, 254

Estresse Infantil 47, 57, 254

Existencialismo 254

## I

Identidade 9, 10, 96, 104, 108, 120, 121, 122, 130, 134, 139, 140, 141, 145, 159, 175, 176, 223, 224, 225, 227, 231, 232, 233, 254

Infância 4, 6, 23, 24, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 79, 93, 99, 101, 104, 106, 107, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 155, 170, 174, 209, 225, 254

## L

Linguagem 8, 10, 40, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 125, 127, 143, 144, 146, 147, 151, 154, 158, 177, 201, 229, 254

## M

Medicalização 92, 165, 166, 167, 168, 172, 254

## O

Ortorexia 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 254

## P

Processos Psicológicos 105, 106, 254

Psicanálise 2, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 18, 19, 118, 127, 128, 252, 254

Psicologia 2, 13, 23, 24, 33, 59, 60, 64, 72, 101, 102, 104, 112, 114, 115, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 140, 141, 165, 167, 169, 172, 174, 179, 192, 194, 206, 207, 218, 234, 236, 237, 245, 246, 249, 251, 252, 254

Psicologia Escolar 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 155, 234, 238, 252, 254

Psicologia Humanista 129, 131, 132, 254

Psicologia Social 140, 223, 227, 230, 254

Psicomotricidade 62, 63, 68, 69, 73, 254

Psiquiatria Educacional 254

## **R**

Representações Sociais 23, 24, 26, 27, 28, 32, 33, 93, 102, 180, 254

## **S**

Saúde 59, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 84, 87, 93, 96, 101, 102, 103, 104, 118, 163, 172, 173, 176, 181, 182, 183, 208, 209, 221, 222, 234, 236, 249, 250, 251, 252, 254

Saúde Mental 16, 18, 37, 58, 75, 76, 79, 80, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 108, 120, 173, 176, 181, 182, 183, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 254

Separação 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 20, 36, 79, 254

Síndrome 9, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 52, 53, 64, 65, 74, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 217, 254

## **T**

Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade 254

Transtorno do Espectro Autista 62, 63, 64, 65, 70, 71, 99, 254

Transtornos Alimentares 2, 11, 207, 208, 209, 211, 214, 215, 216, 217, 220, 221, 254

# PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 